

CRÍTICA GENÉTICA :
delimitação de um campo aberto

Cecília Almeida Salles
e Lília Ledon da Silva

Se o estudo da literatura quer tornar-se uma ciência,
"ele deve reconhecer o 'processo' como seu único herói.
JAKOBSON

A própria essência do trabalho literário não reside
na apreciação das coisas já feitas, partindo do gosto,
mas antes de um estudo preciso do processo de fabricação.
MAIAKÓVSKI

1. UM OBJETO INÉDITO : O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Em uma época de tanta crítica à crítica artística, de uma maneira geral, eis que surge um novo nome: Crítica Genética. Uma nova crítica a ser criticada? Alguns tentam arriscar definições a partir de puras intuições. Nesse artigo tentaremos clarear, um pouco, essa nova "crítica científica que veio tirar a análise literária do Impressionismo" como Autran Dourado constata.

A Crítica Genética (ou Genética Textual, como está sendo chamada por alguns) começa, aqui, a se delimitar como um estudo literário. Sim, sem dúvida alguma, o geneticista - o pesquisador em Crítica Genética - tem em mãos um objeto literário; no entanto, seu objeto não se limita ao texto publicado. A literatura passa a incorporar um objeto para além dos limites da obra: a escritura. É uma investigação que interroga o texto a partir de sua fabricação, de sua gênese. Trabalha-se com o caminho percorrido pelo escritor para chegar à obra publicada: rascunhos, diários, anotações, etc. - todo o suporte material da escritura. O objetivo é descrever o processo de criação, investigar os princípios organizacionais que o caracterizam, enfim, explorar os diversos momentos de produção de um texto.

A Crítica Genética tenta, portanto, discutir o processo de cria

ção com todos os seus mitos e lendas, e diminuir a distância entre o momento inicial da escritura e a concepção do produto considerado final por seu próprio criador. A Crítica Genética permite discernir leis específicas de produção textual e entender melhor a gênese da arte.

O estudo do manuscrito vê o processo criativo como um todo e não apenas seu último momento: procura entender e estabelecer a dinâmica e as razões das alterações realizadas no decorrer do processo de criação.

Esse tipo de estudo não nos proporciona somente uma informação complementar àquela do texto: nos fornece um saber diferente. Nos faz penetrar na terceira dimensão da literatura, aquela do vir-a-ser - um texto em mutação, a linguagem *in statu nascendi*. É o texto onde sempre é possível se fazer alterações, correções - um texto sempre por ser acabado.

A Crítica Genética nos permite ver os diversos componentes da escritura na combinação cambiante de suas relações de onde nasce o movimento da gênese - assim Neefs vê a riqueza desse tipo de pesquisa. Willemart diz que os manuscritos, rascunhos, substituições, anotações demonstram um movimento e uma atividade raramente encontrados em um livro.

No entanto, não é só pelo movimento que nosso objeto de estudo se caracteriza. O manuscrito é marcado, também, por sua unicidade. São manuscritos daquele escritor para a produção daquele texto específico. Essa unicidade traz de volta, de certo modo, o que Walter Benjamin viu se atrofiando na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte: sua aura. Assim Benjamin define aura: uma figura singular composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho que proteja sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas e desse galho. De modo semelhante, o geneticista observa, em tardes de verão, o processo criativo do escritor e respira sua aura.

O estudo do processo criativo literário através das marcas deixadas pelo próprio escritor no momento da produção valoriza o seu aqui-e-agora, isto é o seu tempo e o seu espaço. É o processo da escritura em seu momento: provém da mão do escritor e não foi tocado por mãos publicadoras. Estamos diante de uma figura singular, uma aparição única. O centro do estudo passa (ou volta) a ser a obra original.

Essa aura não foi, porém, reestabelecida somente pelo estudioso de manuscritos: os próprios escritores passaram a valorizar o ma-

nuscrito. Como o caso de Victor Hugo, que deixou o seguinte testamento: "dão todos os meus manuscritos e tudo que será encontrado escrito e desenhado por mim à Biblioteca Nacional de Paris, que será um dia a Biblioteca dos Estados-Unidos da Europa. O manuscrito passa a ser guardado, preservado, deixado de herança, enfim, passa a ser respeitado.

Com o estudo do manuscrito, respeitado pelo próprio escritor, o assassinato do escritor fica valiosamente anulado e o escritor volta a ocupar lugar de destaque como criador e artesão que vamos conhecendo pelo itinerário de seu caminho criador. Assistimos ao contato íntimo e contínuo do autor com o texto. O escritor volta a ser um *scriptor* sem qualquer conotação pejorativa e sem o menor índice de "regressão". Em outras palavras, não estamos rebaixando o escritor a um simples copista.

O objeto de estudo da Crítica Genética, por outro lado, se fundamenta em objeto próprio - no testemunho de manuscritos materiais. É a realidade do objeto é sempre mais rica que toda descrição crítica, como nos lembra Hay. O geneticista lida com as marcas **concretas** deixadas pelo escritor no momento da escritura. A objetividade do material restabelece a aura da obra literária, como já vimos, mas livra, ao mesmo tempo, a criação literária da mística difusa em que costuma ser envolvida - um objeto de adoração e culto.

A descrição e análise do processo através do qual uma criação específica se desenrola nos vêm permitindo chegar a elementos comuns à criação literária de um modo geral. É o único abrindo portas para o geral - o singular para o plural. É o traço único e frágil de uma produção individual que permite ao pesquisador reencontrar e percorrer os caminhos de uma criação, o que representa algo insubstituível para o avanço na constituição de uma teoria geral da produção textual. Isso nos leva a outro aspecto importante de ser discutido, que é a questão do método de investigação.

2. UMA ABORDAGEM EM PROCESSO: ABERTURA PARA O INTERDISCIPLINAR

Claro está que a Crítica Genética é, antes de mais nada, uma prática fundamentada numa perspectiva inédita que transforma, como já vimos, o Texto em textos, o Escrito em escritura ou ainda o Produto em produção, para atingir as linhas mestras do funcionamento da criação. O fato desta prática se diferenciar de imediato das disciplinas afins no campo dos estudos literários tem por consequência lógica buscar, na prática, um instrumental teórico-metodológico apto a preencher suas necessidades.

Este processo de diferenciação pode ser acompanhado pelo con-

fronto direto com outras áreas voltadas para o literário. Assim, tanto o filólogo como o geneticista têm diante de si uma massa de documentos, não raro desorganizados ou mal conservados, de difícil decifração e datação. Contudo, a filologia se centra no texto para - segundo os ensinamentos de Spina - cumprir sua "função substantiva" de restituí-lo à sua genuinidade (pois esta foi deturpada pela ação dos copistas), prepará-lo para edição e "explicá-lo", elucidando seus pontos obscuros através da erudição (conhecimentos de literatura, métrica, história, mitologia, etc.). A filologia tem, também, uma "função adjetiva": tratar de problemas circundantes ao texto, tais como sua autoria, datação e importância literária. Finalmente, sua "função transcendente" consiste em reconstituir, a partir do texto, a vida espiritual de um povo de uma dada época.

Já a Crítica Genética, desprovida de interesse teleológico ou finalista, não quer percorrer o caminho da escritura para chegar ao que seria o texto único, definitivo e autêntico. O conjunto de documentos de gênese tem igual importância em cada uma de suas partes e como um todo, da folha solta com anotações desconexas à cópia datilografada, revista e corrigida, passando pelo esboço de capítulo que jamais chegou a ser reaproveitado. E, diferentemente da filologia, os estudos de gênese só são viáveis quando se dispõe deste conjunto documental referente a uma obra ou à obra de um escritor.

O trabalho do geneticista divide-se, também, em três etapas. Só a primeira delas não se caracteriza como exercício específico da Crítica Genética e, paradoxalmente, possui uma metodologia definida. Trata-se da elaboração do **prototexto**.

O prototexto não se confunde com os diferentes documentos pertencentes a diversas etapas redacionais do scriptor. O prototexto é a elaboração crítica dos mesmos. Se a intenção é, puramente, a de transcrever legivelmente a massa documental deixada pelo scriptor, respeitando ao máximo a disposição dos originais e seu conteúdo, esse processo de decifração e transcrição implica, forçosamente, numa intervenção por parte do transcritor. Basta pensar nos garranchos e rabiscos irreproduzíveis; nos acréscimos marginais cujo local de inserção no texto não fica claro; nas variações de caligrafia apontando para um ritmo mais lento ou mais rápido de escritura...

Assim sendo, o geneticista recorrerá a um código de transcrição, que permite salvaguardar ou assinalar os mais diversos tipos de ocorrências (acréscimos, supressões, etc.). Este código caminha para um consenso, como ressaltava Biasi, visto que sua padronização

aliviará, graças ao hábito de manipulá-lo, o peso da sobrecarga de sinais alheios à escritura propriamente dita. Há, porém, os imprevistos surgidos da prática, isto é do contato com novas escrituras que, talvez, apresentem particularidades inéditas, até então não codificadas. Há, também, a pergunta: que tipo de transcrição para que público? Ao geneticista voltado para a semiótica espacial da folha, a indicação da distribuição da escritura nas linhas, entrelinhas e margens, certamente será imprescindível; ao geneticista interessado na lingüística da produção escrita, os inícios de palavras rasurados terão sua importância; ao leitor não especializado agradará que a transcrição esteja o mais limpa e arejada possível...

Seja como for, o objetivo primeiro da elaboração do prototexto não é a publicação, e sim o preparo do material original para sua análise genética. Este preparo inclui, pois, decifração e transcrição, datação e ordenação cronológica. O escritor pode proceder a coleta documental antes, durante ou até mesmo após a escritura ou a publicação da obra. Filólogos e geneticistas, apesar de divergirem em sua meta, apoiam-se em especialidades tais como a codicologia, a paleografia e a diplomática. Os estudiosos da gênese literária desenvolvem novas técnicas para análise mais fina de caligrafia e interrupções no fluxo da escritura que possibilitem, inclusive, maior precisão na datação de documentos (cf. Charraut et alii).

Percebemos, dessa maneira, que, apesar de divergirem no ponto de partida e de chegada no que tange às funções "adjetiva" e "substantiva", a Filologia e a Crítica Genética se utilizam de algumas "técnicas" comuns.

A divergência se amplia, contudo, no tocante ao estudo que será feito deste material elaborado. A Crítica Genética não quer explicar o texto e sim, após haver reconstituído a sucessividade, agora através do prototexto oferecido à leitura e devolvido à vida, entender o processo.

Oscar Wilde alertava, não sem razão, que definir é limitar. O que tentaremos, agora, é simplesmente não limitar mas sim delimitar um campo aberto.

Por um lado, a Crítica Genética não se propõe à mera descrição das escrituras nas suas variações de scriptor para scriptor, de obra para obra. Por outro lado, integrar as observações advindas do exame do prototexto num sistema interpretativo requer um embasamento teórico. Neste ponto é que se pode dizer que a Crítica Genética não é falha mas totalmente autônoma em plena prática interdisciplinar. Consciente de sua proposta, ela parte do material

disponível e procura então averiguar que linhas de análise pré-existentes estão capacitadas ao aprofundamento de sua própria diretriz de estudo, e até que ponto elas o estão. Ora, um objeto novo implica, forçosamente, em um redimensionamento de quaisquer aparelhos teóricos comprovadamente válidos; e um objeto que além de novo é, também, ao mesmo tempo, singular acarreta uma escolha teórica que se dá passo a passo com o exame do objeto.

Assim é que um prototexto, por exemplo, rico em ilustrações, desenhos, sinais diversamente integrados ou não ao texto fornecerá um estudo centrado na semiótica ou, mais especificamente, na intersemiótica. O geneticista com conhecimentos psicanalíticos se deterá nos atos falhos da escritura, na questão dos diferentes "eus" envolvidos no desenrolar da atividade de escrever, na problemática do inconsciente genético. O linguísta constatará a inoperância dos diversos ramos e tendências de uma linguística até então baseada na produção oral e investigará, por exemplo, o mecanismo das rasuras ou da paráfrase, a intenção comunicativa ou não que as move em dado scriptor.

Pouco a pouco, cada um destes e muitos outros enfoques possíveis irá se especializando e se aprofundando, e poderá estabelecer os primeiros cruzamentos entre *corpus* individuais de estudo rumo a uma função "transcendente" de estabelecimento do funcionamento da escritura, desta feita dentro de teorias crescentemente autônomas, com hipóteses de trabalho cada vez mais específicas.

Para finalizar, resta-nos apenas salientar a reciprocidade patente entre Crítica Genética e muitos dos setores das ciências humanas centrados nos textos literários. Os estudos estilísticos passam a encarar a fabricação do texto (arrepentimentos, escolhas, processos de sinonímia visando a uma expressão mais rica, enxugamentos sintagmáticos, etc., etc. observáveis no desenrolar da escritura). As considerações de uma "estética" presa à noção de perfeição, correção, acabamento ficam defrontadas com o texto partitivo, balbuciante, não revisado, inacabado: a estética em perpétuo devir. E ao se falar em "estruturas" de uma obra, elementos há na estruturação que não mais poderão ser deixados de lado.

Em suma, praticar a Crítica Genética não é desconstruir para destruir, mas investigar, criteriosamente, as dores e o gozo que participam da criação para que sejam partilhados em sua plenitude com conhecimento de causa. É a análise do fazer da arte, vivendo e expandindo o seu prazer. O geneticista entende Novalis, profundamente, quando ele diz: "Loucura em comum deixa de ser loucura e se torna magia".

Bibliografia citada

- BENJAMIN, W. Obras Escolhidas, Brasiliense, São Paulo, 1987.
- BIASI, P.-M. de. "Vers une science de la littérature - L'analyse des manuscrits et la genèse de l'oeuvre", in Encyclopedia Universalis, symposium, 1988, pp.466-476.
- CHARRAUT, D., DUVERNOY, J. & HAY, L. "L'analyse de l'écriture", in La Recherche, nº184, 1987, pp.49-59.
- DOURADO, A. "A Nova Teoria Literária Francesa", O Estado de São Paulo - Suplemento Cultura, 8.10.88.
- HAY, L. "La troisième dimension de la littérature", in: I Encontro de Crítica Textual - Anais, FFLCH-USP, São Paulo, 1986.
- NEEFS, J. "Manuscrits et relation critique", *ibid.*
- SPINA, S. Introdução à Edótica, Cultrix/EDUSP, São Paulo, 1976.
- WILLEMART, Ph. "O Autor Não Morreu", Folha de São Paulo - FOLHETIM, 3.8.86.

Cecília Almeida Salles é Presidente da APML - Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário e Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Lília Ledon da Silva é Secretária de Divulgação da APML - Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário e Professora no Departamento de Letras Modernas da USP.